

26ª Reunião Brasileira de Antropologia

GT 03 – O fazer, o ler e o escrever imagens e sons e suas apresentações e representações na narrativa etnográfica

Título:

ANTROPOLOGIA E POÉTICA

Fotobiografia ou imagens da memória no tempo da velhice

Autora: Fabiana Bruno

Filiação institucional: doutoranda em Multimeios – Instituto de Artes, Unicamp; sócia-estudante da ABA

Resumo

Como utilizar-se da poética e da estética no campo da Antropologia, quando se trata de ler, escrever e pensar com imagens uma história de vida? Esta proposta pretende reunir reflexões a partir de conjuntos de fotografias pessoais, escolhidos e montados por cinco pessoas idosas – homens e mulheres numa faixa etária de 80 anos. Os resultados oferecidos pelos informantes são representativos de suas histórias de vida e constituem espécies de arqueologias existenciais. Tentativas de desvendar, camada após camada, imagem após imagem, traços e vestígios de si, à maneira de uma fotobiografia. Sem desconsiderar neste processo a importância do verbal pretende-se: 1) realçar as maneiras pelas quais o visual transfigura-se em sucessivas e diversas operações de montagem; 2) ressaltar o valor cognitivo e a importância estética de cada um dos suportes na construção e configurações das histórias de vida; 3) dar relevo às férteis idéias do filósofo e historiador da Arte, Georges Didi-Huberman, quando entrevê a imagem como um “arquivo de memórias humanas”, uma “sobrevivência” sociocultural que armazena, veicula e fomenta pensamento.

Palavras-chave: Imagem, Memória, Antropologia Poética

ANTROPOLOGIA E POÉTICA¹

Fotobiografia ou imagens da memória no tempo da velhice

Por Fabiana Bruno
Doutoranda em Multimeios – IA/Unicamp

Como utilizar-se da poética e da estética no campo da Antropologia, quando se trata de ler, escrever e pensar com imagens uma história de vida? Esta proposta reúne reflexões a partir de conjuntos de fotografias pessoais, escolhidos e montados por cinco pessoas idosas – homens e mulheres numa faixa etária de 80 anos. Os resultados oferecidos pelos informantes constituem-se espécies de arqueologias existenciais. Tentativas de desvendar, camada após camada, imagem após imagem, traços e vestígios de si, à maneira de uma fotobiografia.

Sem desconsiderar neste processo a importância do verbal, dado pelos comentários espontâneos dos informantes em torno de suas próprias fotos, realçamos as maneiras pelas quais o visual transfigura-se em sucessivas e diversas operações de montagem e ressaltamos o valor cognitivo e a relevância estética de cada um dos suportes na construção e configurações das histórias de vida. Damos relevo às férteis idéias do filósofo e historiador da Arte, Georges Didi-Huberman, quando entrevê a imagem como um “arquivo de memórias humanas” ou uma “sobrevivência” sociocultural, capaz de armazenar, veicular e fomentar não somente “tempos”, mas também “pensamentos” a eles ancorados. Tempos (e pensamentos) não apenas históricos, mas heterogêneos compostos de passado, presente e futuro, os quais encontramos ao desdobrarmos uma imagem. “A imagem é uma extraordinária ‘montagem’ - não histórica - de tempo”, dirá Georges Didi-Huberman (*Devant le temps*, p.16), o principal interprete do pai da iconologia moderna, Aby Warburg.

São tempos (e lembranças perdidas) que habitam as imagens e que, de repente, irrompem como luminâncias, em instantes quase mágicos, ao longo desenrolar da história dos homens. Para entender uma imagem, é necessário “abri-la”, desdobrá-la.

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

OS CENÁRIOS DO CONTEXTO

A metodologia do trabalho visual utilizada para essas configurações de “memórias vivas” de idosos se deu naturalmente pelo próprio *movimento* de construção desta pesquisa de doutoramento em curso, intitulada *Retratos da Velhice: Fotobiografias e montagens da Memória*². O estudo partiu de *fotografias* guardadas, escolhidas, ordenadas e montadas, sem desconsiderar, todavia, os *comentários espontâneos* que suscitavam de passagem, evocados pelos próprios atores dessas “histórias de vida”, no caso, cinco pessoas com idade de mais de 80 anos. Os resultados da experiência privilegiam dois momentos.

O primeiro, de natureza essencialmente imagética, consiste em *arranjos visuais* distintos (horizontal, vertical circular) de conjuntos de cerca de 20 fotografias escolhidas e montadas pelos informantes, que chamamos de arranjos visuais, pois são maneiras de “dizer”, de “formular e fazer nascer” modulações *verbais* singulares.

O segundo, gerado ao recolher os *comentários espontâneos* dessas pessoas velhas, em duas ocasiões separadas por um intervalo de tempo, desvenda como esses mesmos conjuntos de fotografias (pranchas com 20 e com 10 fotografias) escolhidos e montados por esses idosos, dão às *imagens* outro complemento ou suplemento à história de vida.

Os desenhos metodológicos foram representados visualmente (e serão apresentados durante a comunicação de trabalho), com base nas *escolhas* e nas *formas de montagem* dos conjuntos fotográficos, por meio de arranjos estéticos de “fotobiografias” ou “autobiografias visuais” dos informantes.

² Doutorado desenvolvido, com apoio da Fapesp, junto ao Programa de Pós-Graduação em Multimeios, do Instituto de Artes da Unicamp, sob orientação do Prof. Dr. Etienne Samain.

Desenhando cumplicidades entre o VER, O MONTAR, O PENSAR E O SILENCIAR

o VER, O MONTAR

As diversas fases do percurso desta pesquisa nos proporcionaram, reflexões e possibilidades de pensar sobre *como a memória dessas pessoas idosas trabalha num processo de “montagem” de suas próprias histórias de vida*. Passamos a nos perguntar o quê poderíamos, desta maneira, privilegiar no tocante à importância do *trabalho de montagem(s)* a que essas pessoas idosas se submeteram? Quais seriam as vertentes desta ampla questão que deveriam merecer particular atenção?

As experiências metodológicas participaram da aposta de que toda história de vida é, de certo modo, um pequeno filme que rodamos com base em um cenário quase invisível, pelo menos jamais escrito. É normal, dessa maneira, pensar que os percursos de uma existência possam vir a se definir por meio de *formas* e de *montagens*, que até então ignorávamos.

Os movimentos de inclusão e exclusão de fotografias, realizados pelos informantes de forma visual, em etapas metodológicas desenvolvidas no decorrer da pesquisa permitiram-nos registrar um *processo de montagem dessas histórias de vidas* de nossos próprios informantes. A partir de “fotogramas” extraídos de seus baús de memórias, organizaram películas e acabaram realizando pequenos filmes, por meio de um genuíno roteiro - de certo modo invisível e impalpável a não ser no singular imaginário e inconsciente de cada um -, filmes esses que desenhavam e retraçavam sua própria “história de vida”.

Desta forma, podemos entender como montagem de uma história de vida representa um processo dinâmico e naturalmente gerador de imagens, de memórias e de pensamentos. É um processo interminável e de tão dinâmico se torna vivo e interligado, sem intervalos ou separação de tempo, entre as operações montagem-imagem-memória. Operações que estão sempre se descobrindo e se reconstruindo pelo próprio contexto dado de relações de tempo a que se refere Didi-Huberman.

A montagem geradora de uma memória e a memória geradora de uma imagem:

Montagem – Memória – Imagem

A imagem geradora de uma montagem e a montagem geradora de uma memória:

Imagem – Montagem – Memória

A memória geradora de uma imagem e a imagem geradora de uma montagem:

Memória – Imagem – Montagem

O fato é que no quadro deste trabalho passamos a nos indagar sobre a “montagem” enquanto “*metodologia* e modo de *conhecimento*”. “O conhecimento pela montagem’ desenvolvido por Didi-Huberman no campo da história e da história da arte, inscreve-se ‘na conjunção de uma poética das imagens e de uma antropologia da linguagem’ (PIC, 2006).

Diríamos que a série de imagens decorrente de um princípio operatório ativo, cognitivo, ordena memórias vivas e compõe uma história visual pertinente e complementar a uma história oral, tão poética quanto antropológica, ou tão estética quanto histórica.

O PENSAR E O SILENCIAR

Esta pesquisa suscita outras questões em torno de como tratar as reflexões sobre as potencialidades, presentes *dentro* das imagens fotográficas, quando se procura compreender *como*, por meio delas, se constrói e se organiza a memória de pessoas idosas. Uma dupla questão perpassa nosso empreendimento: 1) de que modo as imagens nos ensinam a pensar? e 2) será que ao associar-se com outras imagens, a fotografia [ou qualquer imagem] não poderia ser encarada como “uma forma que pensa”?

Desta forma, ancorada na visualidade, a proposta procura refletir, a partir do ver e do pensar, como, ao organizar *esteticamente* no espaço de uma mesma página “tela branca” – que segundo Anne-Marie Christin já é uma imagem -, essas outras imagens e essas falas (textos) recolhidas, – que ainda segundo Christin são ‘imagens de imagens’ – desenvolvem e aprofundam cumplicidade dessas fotobiografias.

Imagem, fala e escrita. Para existirem, plenamente, não poderão dispensar uma coreografia. As três somente vivem se reunidas, confortando-se, suplementando-se, congratulando-se, sem dúvida, mas em segredo.

BIBLIOGRAFIA

Bruno, Fabiana. **Retratos da Velhice. Um duplo percurso: metodológico e cognitivo**. 2003, 294 p. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Multimeios do Instituto de Artes. Universidade Estadual de Campinas.

Christin, Anne-Marie. **L' image écrite ou la déraison graphique**. Paris: Flammarion, Col. "Idées et Recherches". 1995.

Deleuze, Gilles. **A imagem-tempo. Cinema 2**. (tradução de Eloísa de Araújo Ribeiro). São Paulo: Brasiliense, 2005. (título original: *L' image - temps*. 1985)

Didi-Huberman, Georges. **L' image survivante. Histoire de l' Art et Temps des Fantômes selon Aby Warburg**. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002.

Didi-Huberman, Georges. **Devant le temps. Histoire de l' art et anachronisme des images**. Paris: Les Éditions de Minuit, 2000.

Didi-Huberman, Georges. "Mouvements de bords", in **Trafic** n° 45 (2003) 128 -135.

Didi-Huberman, Georges. **L' image ouverte. Motifs de l' incarnation dans les arts visuels**. Paris: Gallimard, Col. "Le Temps des Images", 2007.

Dubois, Philippe. **Cinema, video, Godard**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

Godard, Jean-Luc. **Histoire(s) du cinema – 3: La monnaie de l' absolu. Une vague nouvelle**. Paris: Gallimard-Gaumont, 1998.

Michaud, Phlippe-Alain. **Aby Warburg et l' image en mouvement**. Paris: Macula, 1998.

Pic, Muriel. "Littérature et 'connaissance par le montage'" in **Penser par les images. Autour des travaux de Georges Didi-Huberman** (org. Laurent Zimmermann), Nantes: Éditions Cécile Defaut, 2006).